

Fortaleza

O desafio de viver em abrigos

< **INFÂNCIA** > Existem no Ceará mais de 440 crianças e adolescentes vivendo em abrigos. Destes, 63 estão disponíveis para adoção, pois a grande maioria ainda têm vínculos familiares. Sem

condições de voltar às famílias, alguns passam anos morando em abrigos. **O POVO** inicia hoje uma série de matérias sobre o dia-a-dia desses jovens e suas expectativas familiares

Lucinthya Gomes
da Redação

Luísa acha que tem 17 anos. Era criança quando foi vítima de violência física pela própria mãe, que tinha problemas neurológicos. A situação de risco causou a entrada em seu primeiro abrigo, o SOS Criança. Sem registro de nascimento, à época, profissionais estimaram a idade de oito anos. Sua nova “família” passou a ser formada pelos educadores da instituição e pelos demais abrigados. Não sabe por que, mas todos os anos comemora aniversário no dia 24 de dezembro, véspera de Natal. Em nove anos, Luísa passou por três abrigos e a “família” dela foi se modificando com o tempo. A história é um retrato da vida de várias outras crianças e adolescentes abrigados.

Existem mais de 440 crianças e adolescentes morando em abrigos no Estado do Ceará, segundo dados da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social (STDS). Ao contrário do que muitos pensam, nem todos os abrigados estão disponíveis para adoção. Apenas 63, em diferentes faixas etárias, podem ser adotados. Segundo especialistas, a grande maioria desses jovens têm vínculos familiares, mas não podem voltar às casas por falta de condições financeiras da família ou mesmo pelo risco de exposição à violência. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o abrigo deve ser uma medida excepcional e provisória, mas várias crianças e adolescentes, assim como Luísa, podem passar muitos anos, sendo transferidas de abrigo em abrigo, de acordo com a faixa etária.

Do SOS Criança, Luísa logo foi transferida para a Casa da Criança. Hoje, ela mora no abrigo Nossa Casa, no bairro Tancredo Neves, para jovens de 12 a 18 anos, administrado pela ONG Instituto de Assistência e Proteção Social (IAPS), em parceria com a STDS. Para a coordenadora do abrigo, Sandra Moura, esses jovens acabam se tornando carentes do amor de uma família, do pai e da mãe. Por mais que um abrigo tente transmitir carinho e amor, a família é insubstituível, ela diz.

Com a ausência da família, os abrigados acabam construindo novos vínculos, a partir de amizades e refe-

rências. Para Luísa, os outros jovens são como irmãos. “Para mim, são. Convivendo, passando de abrigo em abrigo, a gente se acostuma. A maioria dos meus amigos dos outros abrigos estão morando aqui comigo. Tem um momento de briga, de discussão, mas é raro, normal, como cada um tem nas suas casas”, destaca. Até hoje, ela lembra com saudade da “Tia” Shirley, educadora de quem mais se aproximou, quando esteve no abrigo anterior. “Ela era uma mãe pra mim. Era superlegal comigo. Foi ela quem furou minha orelha. Até hoje falo com ela pelo telefone”, comenta.

➔ **Até hoje, Luísa lembra com saudade da “Tia” Shirley, educadora de quem mais se aproximou, quando esteve no abrigo anterior. “Ela era uma mãe pra mim. Era superlegal comigo”**

Luísa é toda sorrisos. Adora escrever e assistir a filmes de romance. No quarto que divide com outras duas meninas, ursos de pelúcia decoram seu espaço. Os objetos mais queridos, ela esconde sob o colchão ou dentro do travesseiro. Depois de muito tempo sem contato com a mãe, Luísa descobriu que ela continua doente, morando no Interior. Ela já sabe também que tem mais cinco irmãos. Um deles, mais novo que ela, também mora em um abrigo em Fortaleza. “O meu sonho é unir minha família (biológica), ter minha própria casa, conhecer minha família por completo. (...) Tenho vontade de lutar pela minha mãe, porque ela tem o problema dela”, disse Luísa, que se vê no irmão mais novo.

Quando pensa nos 18 anos, hora de sair do abrigo, ela se sente insegura, “passa tanta coisa na cabeça, que só Deus”. Se ela pensa em casar e ter filhos? “Casar sim, ter filhos, não. (...) Mas se eu tiver, não quero que meu filho passe a mesma coisa que a mãe dele passou, de jeito nenhum”, garante. Os nomes de crianças e adolescentes usados na reportagem são fictícios.



Luísa mora há nove anos em abrigos, sonha ter uma casa, conhecer os familiares e reunir os irmãos

➔ LEIA AMANHÃ

➤ Na continuação da série, **O POVO** explica por que é tão importante reestabelecer os vínculos familiares. O que fazer enquanto as crianças e os adolescentes vivem nos abrigos, para que a família tenha condições de recebê-los novamente? A intenção é melhorar as condições de saúde, moradia e financeiras das famílias.



Nos abrigos, as crianças têm que conviver com a negação em diferentes momentos

Carência afetiva, amizades e exemplos

A carência afetiva está no olhar das crianças. Quando distribuem abraços, não negam que precisam ser abraçadas. Elas precisam de atenção, carinho, família. “A gente é tudo aqui. Eu sou quase mãe, referencial. Eu me sinto mãe deles. É um laço muito forte”, diz a atendente Aparecida de Sousa, que trabalha no Abrigo Tia Júlia, na Parangaba. Por isso, para as crianças, a “Tia” Aparecida é alguém especial. Além dos profissionais, as demais crianças também exercem papel importante na vida de cada um. “As companhias são as crianças. São vínculos construídos no

dia-a-dia, nas vivências”, destaca a pedagoga do Abrigo Eugênia Moreira.

Prova disso é que Fábio, de 6 anos, tem três grandes amigos no abrigo, com quem brinca de carro, bicicleta, bola e de subir no pé de goiaba. Enquanto estão no abrigo, as crianças aprendem atividades que as tornam mais independentes. “Eu acordo, ‘drobo’ o lençol e boto embaixo do travesseiro, tomo banho e brinco”, conta Fábio. Enquanto algumas crianças retornam ao ambiente familiar ou são adotadas, outras vão ficando. É comum, a criança ter de lidar

com a negação em diferentes momentos. “Todos os amigos foram adotados e eu não” é um pensamento recorrente.

Como no Abrigo Tia Júlia as crianças têm de 0 a 6 anos, à medida que crescem, vem a necessidade de transferência para outros abrigos. “Elas procuram se espelhar nos funcionários, principalmente no atendente. Criam esses laços afetivos. A transferência é muito dolorosa”, diz diretora em exercício do abrigo, Débora Teixeira. Quando a hora da mudança se aproxima, as crianças passam por acompanhamento psicológico.

EMAI S

➤ Luísa é simpática. “Por estar dentro do abrigo, eu sou feliz. Mas eu gosto de ficar bem solitária. Lembrar as coisas quando estava com a família, a falta que faz um ‘Tio’, uma ‘Tia’”, conta, apontando um educador ou educadora de que gosta. Ela namora há três meses e, por isso, diz que está atravessando um momento feliz da vida.

➤ Quando Luísa tinha 11 anos, mudou-se, antes da hora, do Abrigo Casa da Criança para o Nossa Casa, que acolhe crianças a partir dos 12 anos. “Uma menina tinha 12 anos, tinha que se mudar, e só queria vir se fosse comigo. Hoje ela já tá casada”, diz Luísa.

➤ Ela sempre estudou em escolas públicas regulares, próximas aos abrigos onde morou. Hoje, cursa o 2º ano do ensino médio. Para o vestibular, tem quatro opções de cursos: Administração, Jornalismo, Direito e Artes Cênicas. “Quero fazer vestibular, fazer faculdade, pós-graduação”, enumera.

➤ A partir dos 12 anos, é necessário que o abrigo garanta a capacitação dos jovens, na tentativa de prepará-los para o mercado de trabalho. Luísa já tem no currículo cursos nas áreas de informática e administração e um estágio. Em breve, iniciará um curso na área de turismo.

➔ SITUAÇÃO DOS ABRIGOS

Em Fortaleza ABRIGOS DE ADMINISTRAÇÃO DIRETA

➤ Abrigo Tia Júlia (0-7 anos): 70 crianças

➤ Casa Abrigo (0-12 anos): 100 crianças

➤ Abrigo Desembargador Olívio
➤ Câmara (Adoc): 67 pessoas com deficiência

ABRIGOS COM CO-PARTICIPAÇÃO DAS ENTIDADES

➤ Nossa casa (12-18 anos): 20 adolescentes (misto)

➤ Casa da Criança (7-12 anos): 20 crianças (misto)

➤ Abrigo Hugo Ruchet (16-18 anos): 15 adolescentes (masculino)

➤ Nova Aliança em Cristo (12-15 anos): 15 adolescentes (masculino)

➤ Abrigo Nova Vida (12-18 anos): 15 adolescentes (feminino)

➤ Santa Gianna Bereta Molla (7-13 anos): 25 crianças (misto)

No Interior 10 ABRIGOS MUNICIPALIZADOS

➤ Foram construídos pelo Programa de Reformas Sociais (Proares), conveniado ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Estão nos municípios de Maracanaú, Caucaia, Canindé, Iguatu, Sobral, Juazeiro do Norte (com dois abrigos), Brejo Santo, Crato e Limoeiro do Norte. Cada abrigo conta com 10 crianças e adolescentes. Ao todo, são 100 abrigados no Interior.

FONTE: Núcleo de Acolhimento de Crianças e Adolescentes, da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social (STDS)

O que fazer quando chegar os dezoito anos?

Um dos maiores desafios dos abrigos é preparar os adolescentes para o mercado de trabalho. Aos 18 anos, eles não ficam mais sob a guarda do Estado. “Depois que eles saem do abrigo, a gente passa seis meses acompanhando, dando assistência”, explica Sandra Moura, coordenadora do Abrigo Nossa Casa, para jovens de 12 a 18 anos, no bairro Tancredo Neves. A casa é administrada pela ONG Instituto de Assistência e Proteção Social (IAPS), em parceria com a Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social (STDS). Para saírem do abrigo, esses jovens precisam estar preparados para o mercado de trabalho, o que é

um verdadeiro desafio.

Durante todo o período em que estão em algum abrigo, os jovens estudam em escolas públicas regulares próximas. Na adolescência, os abrigos encaminham para cursos de capacitação, informática, até que surgem os estágios. “A gente diz a eles que precisam estudar, trabalhar, crescer (profissionalmente), para terem condições de conseguir o que querem”, destaca Sandra. A aproximação dos 18 anos é uma preocupação do abrigo. “Eles não querem sair. Para eles, é difícil. Isso gera uma dificuldade nos estudos deles”, lamenta, garantindo que o abrigo persiste no incentivo à formação.